

ARTE E EXPERIÊNCIA INTERIOR: UMA VISÃO DA EXPERIÊNCIA ESTÉTICA A PARTIR DO EROTISMO EM GEORGES BATAILLE

João Lucas Alves dos Santos ¹

Resumo: Este artigo propõe pôr em diálogo erotismo, experiência estética e religiosidade na perspectiva da experiência interior, presente no pensamento de Georges Bataille. O objetivo é contribuir para a fundamentação da possibilidade de uma estética da existência a partir da doutrina cristã, sob a hipótese de leitura do livro *Surpreendido pela Alegria* de C. S. Lewis. Ao falar do erotismo como da esfera do religioso, Bataille não pôde deixar de esbarrar na questão da experiência artística, assim como não pôde deixar de problematizar também a religiosidade cristã e sua complexidade ao operar esses assuntos. Em *Surpreendido pela Alegria*, Lewis relata seu caminho teórico que o levou do ateísmo materialista para o cristianismo através de sua experiência com a arte, principalmente a música e a literatura. A partir da interposição entre o pensamento batailliano sobre o erotismo e a abordagem da experiência estética em *Surpreendido pela Alegria* abrem-se perspectivas que minimizam a oposição que Nietzsche e Foucault identificam entre o cristianismo e a subjetividade ligada ao fazer artístico.

Palavras-Chave: Erotismo. Georges Bataille. Experiência estética. C. S. Lewis.

ART AND INNER EXPERIENCE: A VIEW OF AESTHETIC EXPERIENCE FROM GEORGES BATAILLE'S EROTICS

Abstract: This article proposes to put into dialogue eroticism, aesthetic experience and religiosity in the

¹ Mestrando Mestrando em Crítica Cultural na Universidade do Estado da Bahia – UNEB. Endereço eletrônico: lucasfanglic1@hotmail.com

perspective of the interior experience, based on the thought of Georges Bataille. The objective is to contribute to the foundation of the possibility of an aesthetic of existence from the Christian doctrine, under the hypothesis of reading established from the book *Surprised by the Joy* by C. S. Lewis. Considering eroticism as part of the religious sphere, Bataille could not help but stumble on the question of artistic experience, just as he could not fail to question Christian religiosity and its complexity in operating these subjects. In *Surprised by Joy*, Lewis relates his theoretical journey from materialist atheism to Christianity through his experience with art, especially music and literature. The interposition between Bataillan thought about eroticism, and the approach to aesthetic experience in *Surprised by Joy*, open perspectives that minimize the opposition that Nietzsche and Foucault identify between Christianity and subjectivity linked to artistic making.

Key words: Eroticism. Georges Bataille. Aesthetic experience. C. S. Lewis.

Introdução

Este artigo propõe pôr em diálogo erotismo, experiência estética e religiosidade na perspectiva da experiência interior presente no pensamento de Georges Bataille. O objetivo é contribuir para a fundamentação da possibilidade de uma estética da existência a partir da doutrina cristã, com hipótese de leitura sob o livro *Surpreendido pela Alegria* de C. S. Lewis. O paradigma culturalista desencadeado pelo estruturalismo juntamente com as concepções marxistas de classe e divisão do trabalho, embora representem um avanço para a discussão da realidade contemporânea, em certo sentido, inviabilizaram a dimensão da experiência interior causando uma espécie de esvaziamento sobre a constituição do sujeito. Os embates teóricos dispendidos pelas correntes epis-

temológicas do pós-estruturalismo e dos Estudos Culturais tentaram restaurar a questão da subjetividade sem, contudo, considerar o aspecto da experiência interior. Lançar mão do olhar batailliano é, aqui, um gesto que busca enxergar possibilidades heterogêneas da noção do sujeito que se afastem tanto dos imperativos capitalistas quanto do rigor científico racionalista.

A abordagem do erotismo desenvolvida por Georges Bataille a partir da perspectiva do interdito e da transgressão é marcada principalmente por o erotismo como um aspecto da experiência interior em oposição à sexualidade animal. Nesse sentido, Bataille se afasta da abordagem científica que pretende um estudo isolado dessas questões e encaminha sua perspectiva de um ponto de vista, no qual prevalece a unidade do espírito humano. Em sua visão, a essência do erotismo está diretamente ligada com a dimensão do religioso, uma vez que emana da nostalgia da continuidade perdida, continuidade que foi interrompida pela individualidade do mundo do trabalho e da razão. O erotismo, uma forma da atividade sexual humana de reprodução, assim como a morte, nos levaria a um possível retorno dessa continuidade. É desse movimento que nascem os interditos do assassinio e do prazer sexual que o sacrifício e o erotismo, enquanto transgressão configura-se em manifestação do sagrado.

Ao falar do erotismo enquanto esfera do religioso, Bataille não pôde deixar de esbarrar na questão da experiência artística, assim como não pode deixar de problematizar também a religiosidade cristã e sua complexidade ao perpassar esses assuntos. É comum na tradição do pensamento contemporâneo opor a doutrina cristã aos aspectos positivos e afirmadores da vida, uma vez que, à primeira vista, o cristianismo seria sempre a negação de si e, dessa forma, a negação da vida. É dessa maneira que no desenvolvimento de suas teorias sobre a estética da existência Nietzsche e Foucault concebem a doutrina cristã como a principal inimiga da

construção de uma subjetividade à maneira do artista ao construir a obra de arte. Nesse sentido, no esforço de uma visão singularizante da realidade, Bataille consegue compreender os elos daquilo que a priori se apresenta excludente, analisando as soluções que distinguem o cristianismo da religiosidade pagã, bem como das religiões orientais.

Em *Surpreendido pela Alegria*, uma espécie de autobiografia do autor cristão mais influente do século XX, notabilizado pela saga infantil *As crônicas de Nárnia*, Lewis encadeia uma narrativa onde ele refaz o caminho teórico que o levou do ateísmo materialista para o cristianismo através de sua experiência com a arte, principalmente a música e a literatura. Essa obra aproxima-se da escrita criativa Batailliana que se desenvolve “embaralhando os limites estabelecidos entre os gêneros (ensaístico, confessional, teórico) e investindo na contaminação poética” (DRUMMOND, 2016, p. 4). *Surpreendido pela Alegria* pode ser considerado uma mistura de autobiografia, ensaio teórico e diário espiritual em que o autor relaciona experiência estética, doutrina cristã e subjetividade. Assim como Bataille, Lewis também desenvolveu sua escrita sob diferentes gêneros textuais, ambos foram contemporâneos ao intercurso das duas grandes guerras mundiais.

Diante as produções dos dois autores assinalamos a seguinte proposição: o objeto da experiência interior para Bataille é o erotismo; enquanto *Surpreendido pela Alegria* destaca a experiência estética. Mas, como veremos no desenvolvimento a seguir, os dois tipos de experiência participam da dimensão religiosa na medida que visam um só e/ou mesmo objetivo. Nas palavras de Bataillhe: “A poesia conduz ao mesmo ponto como cada forma do erotismo; conduz à indistinção, à fusão dos objetos distintos. Ela nos conduz à eternidade, à morte, e pela morte, à continuidade” (BATAILLE, 1987, p. 18). Ao desenvolver uma estética da existência a partir do cristianismo estamos tentando conceber uma pos-

sibilidade de subjetividade que se constitui na angústia e no paradoxo morte e vida.

O erotismo na experiência interior

O livro escrito por Bataille e intitulado *O erotismo* é composto de duas partes: na primeira ele expõe a temática sobre erotismo de modo elaborado e sistemático, enquanto que na segunda, reúne estudos independentes, nos quais o erotismo é abordada de forma livre. Bataille introduz seus argumentos relacionados ao erotismo destacando o abismo que separa os indivíduos perante e adentro do mundo da descontinuidade: “os seres que se reproduzem são distintos uns dos outros, e os seres reproduzidos são distintos entre si como são distintos daqueles que o geraram. [...] Entre um ser e outro há um abismo, uma descontinuidade” (BATAILLE, 1987, p. 11). Embora tenhamos esse sentimento de indivíduo, também temos em nós a nostalgia da continuidade perdida. Assim sendo, o ser humano possui ao mesmo tempo o desejo angustiado da duração de sua descontinuidade e a obsessão por uma continuidade primeira, a qual nos uniria a totalidade do ser. Para Bataille, é essa nostalgia que comanda as três formas de erotismo: o erotismo dos corpos, o erotismo dos corações e o erotismo sagrado – embora as duas primeiras formas, em certo sentido, sejam também sagradas, tendo em vista que todo erotismo é sagrado.

Como todo ato religioso, o erotismo busca a continuidade do ser perseguido para além do mundo imediato. Uma vez que essa passagem do *ser descontínuo* para a *continuidade do ser* não se dá fora do domínio da violação e da violência, pois todas as formas de erotismo sempre serão violentas. No erotismo dos corpos, a nudez se opõe ao estado fechado, que é o estado da existência descontínua. Esses corpos, ao se abrirem para a continuidade, através dos canais secretos do corpo, fazem nascer o sentimento de obscenidade. Na acep-

ção de Bataille, “A obscenidade significa a desordem que perturba um estado dos corpos que estão conformes à posse de si, à posse da individualidade durável e afirmada” (BATAILLE, 1987, p. 14). No erotismo dos corações, uma espécie de prolongamento no campo por meio da simpatia moral e da fusão que existe no erotismo dos corpos, os amantes expressam na angústia e no sofrimento a violência da substituição da sua descontinuidade por uma continuidade que se revela, não na posse do ser amado, mas na sua busca.

Toda concretização erótica tem por princípio a destruição da estrutura do ser fechado. Entretanto, nem o erotismo dos corpos nem sequer o erotismo dos corações vão possibilitar uma passagem perfeita do estado descontínuo ao estado contínuo, visto que nessas formas de erotismo os seres ainda lutam para preservarem sua individualidade, não permitindo a dissolução completa de sua descontinuidade, estado que só pode ser atingido pela morte. Neste ponto, Bataille chega ao erotismo sagrado ou erotismo divino, que, diferente dos outros dois erotismos supracitados, revela-se diretamente na experiência mística da religiosidade. Essa experiência mística, para ele, tem sua origem nos rituais de sacrifício, onde a morte precipita o ser descontínuo, e, nesse sentido, o sagrado dos sacrifícios nas religiões primitivas é análogo ao divino das religiões atuais, em especial o cristianismo. Assim, a experiência mística introduz em nós o sentimento da continuidade por outros meios que não são nem o erotismo dos corpos nem o erotismo dos corações.

O erotismo sagrado evocado no texto de Bataille reafirma o erotismo como um aspecto da vida interior do homem. O fato dele procurar constantemente fora um objeto de desejo é o motivo do equívoco de relacioná-lo normalmente à sexualidade animal. Lançando mão dos dados históricos que sinalizam a passagem da natureza animal à humanidade, Bataille conclui que, aparentemente, coincidiram, em um mesmo período, os comportamentos humanos do traba-

lho, consciência da morte e sexualidade contida – embora este último não tenha deixado vestígios materiais como no caso dos dois primeiros. Em sua visão, o mundo do trabalho, ao tirar o homem de seu estado de equivalência à dos outros animais, exigiu uma atitude diferenciada para com a morte e com a sexualidade, fazendo surgir dessa maneira o jogo dos interditos e da transgressão.

Aqui, Bataille vai chamar a atenção para a importância da experiência interior na abordagem desse jogo. Olhando de fora, como um objeto, os interditos não são justificáveis racionalmente, é patológico. É assim que eles são vistos pela ciência, sejam por historiadores, ou por psicanalistas. Mas em nossa subjetividade, mesmo que tenhamos o conhecimento do parecer da ciência – que de certa maneira faz diminuir em nossa consciência o valor do interdito – podemos e devemos saber exatamente que os interditos não são impostos de fora, pois eles clarificam-se na angústia que nos toma no momento que transgredimos. Na transgressão o interdito não é suspenso como num retorno à natureza, antes é sustentado para que dele possamos tirar o prazer. A experiência da transgressão realizada é a experiência do pecado, no qual a sensibilidade religiosa liga sempre estreitamente o desejo e o medo, o prazer intenso e a angústia. Assim, quer ligado a sexualidade, quer ligado ao assassinio, os interditos são sempre uma oposição do mundo do trabalho e da racionalidade à violência que busca alcançar a continuidade, violência que assusta e encanta.

Não seria um contrassenso, argumenta Bataille, a afirmativa “O interdito existe para ser violado”. O mundo dos interditos, estando no mundo do trabalho, equivale ao mundo profano. Já a transgressão, enquanto ação que excede esse mundo profano, todavia sem destruí-lo, seria o seu complemento. Dessa forma, a transgressão limitada e organizada forma com o interdito o mundo do sagrado, compondo dessa maneira os dois aspectos da vida humana, profano e

sagrado. Por isso, embora todo interdito seja sempre de cunho universal, sua transgressão nos casos em que se fazem necessários foi, desde as primeiras civilizações, uma manifestação no campo do sagrado.

Esse viés hierático da transgressão e, por conseguinte, do erotismo, vai encontrar com o cristianismo suas principais dificuldades. Em sua aversão pela contravenção, o cristianismo condenou a transgressão à esfera do mal e, com isso, o erotismo foi relegado ao mundo profano. Nesse sentido, Bataille argumenta que o cristianismo é a menos religiosa das religiões, pois a ideia de um Deus pessoal, descontínuo, verá nesse excesso que a violência da transgressão é o principal inimigo de sua descontinuidade. Por outro lado, o cristianismo manteve uma religiosidade na medida em que a dissolução do indivíduo no amor de Deus preservou a excitante vontade pela continuidade do ser;

O cristianismo nunca abandonou a esperança de reduzir, no final, este mundo da descontinuidade egoísta no reino de continuidade inflamado pelo amor. O movimento inicial da transgressão foi assim desviado, no cristianismo, para a visão de uma superação da violência; transformada em seu contrário (BATAILLE, 1987, p. 78).

O mundo cristão, para Bataille, desviou toda sua atenção à essa continuidade, negligenciando as vias que à conduzia. Dessa forma, o cristianismo reduziu o sagrado à pessoa descontínua de um Deus criador e, além disso, arrastou com Ele todas as almas descontínuas para a extensão do além-mundo. Nesse movimento, os aspectos impuros que fundavam juntamente com os aspectos puros, o sagrado do estágio pagão da religião, foram completamente banidos. O erotismo dos corpos como transgressão do interdito sexual perdeu seu status religioso e, como um pecado, não pôde

mais subsistir no mundo sagrado do cristianismo. A consequência desse movimento feito pelo cristianismo resultou, para Bataille, em uma sociedade que, ao tornar-se cada vez mais liberal e profana, passa a acreditar cada vez menos na existência do pecado e, com isso, o interdito deixa de agir. Se não cremos mais no interdito, a transgressão torna-se impossível, a não ser que um sentimento de transgressão sobreviva unicamente pelo véis da aberração.

Por último, ao falar sobre a beleza – essa ilusão que procuramos para alcançar a perspectiva da continuidade, sem, sobretudo, ultrapassar os limites desta vida descontínua – Bataille reconhece que o erotismo teve de ir se distanciando de sua força primordial para conformasse às necessidades de uma conciliação que possibilita a existência da vida humana.

Alegria: a experiência da arte como o anseio pelo sagrado cristão

Surpreendido pela Alegria é uma autonarrativa onde Lewis registra sua peregrinação sensível-intelectual até os 32 anos de idade quando, relutantemente, converte-se ao cristianismo – percurso que é marcado por sua relação particular com a experiência estética, a qual nomeia de anseio pela *Beleza* ou *Alegria*. Sua mais remota memória dessa experiência aparece na primeira infância, ao ver o jardim em miniatura que seu irmão havia feito na tampa da lata de biscoito: “O que o jardim de verdade não conseguira fazer, fizera o jardim de brinquedo: [...] Enquanto eu viver, a imagem que faço do Paraíso terá algo do jardim de brinquedo do meu irmão” (Lewis, 1998, p.15).

Quando jovem, atraído cada vez mais pela Beleza, Lewis buscou identificar a origem desse prazer que lhe apunhalava quando imerso no desfrute de literaturas – principalmente as que se relacionavam com a mitologia nórdica – música,

ou mesmo ao contemplar uma bela paisagem natural em um passeio ao ar livre. Achando que residia nas próprias temáticas, lançou-se desesperadamente a conhecer tudo o que se relacionava a elas, porém descobriu-se enganado;

Eu conhecia os meandros do universo edaico, conseguia localizar cada uma das raízes do Freixo e sabia quem o subia ou descia. E só bem gradualmente vim a perceber que tudo isso era algo bem diferente da Alegria original. E continuei juntando detalhe, progredindo até o momento em que “conheceria o máximo e gozaria o mínimo” (Lewis, 1998, p. 172).

Por eliminação, já que o prazer não advinha do conteúdo, entendeu que a Alegria fosse um estado subjetivo. Concluindo que era um humor ou estado interior que poderia surgir em qualquer contexto, empenhara-se agora em procurá-la dentro de si. Todavia, ao tentar atentar para a experiência, percebia, já nesse momento, que ela o havia deixado: “A maneira mais segura de estragar um prazer era começar a examinar sua satisfação” (Lewis, 1998, p.223). Contemplar um desfrute é destruí-lo. A sua própria existência pressupõe que você não o aspira. “Só quando toda a sua atenção e todo o seu desejo estão fixos em alguma outra coisa – seja uma montanha distante, seja o passado, sejam os deuses de Asgard – é que surge a ‘empolgação’. É um subproduto” (Lewis, 1998, p. 174).

Refletir a experiência havia praticamente extinto a visita da Alegria, mesmo com as longas vigílias a sua espera. Certa ocasião, ao recorda-se de um momento e um lugar onde havia experimentado a Alegria, percebeu que a lembrança desse evento era ela mesmo uma nova experiência exatamente do mesmo tipo. Foi então que uma nova concepção da natureza da experiência estética se fez necessária;

De fato era desejo, e não posse. Mas então o que me havia invadido na caminhada também fora desejo, e posse apenas porque esse tipo de desejo é ele mesmo desejável, é a posse mais plena que podemos conhecer na terra; ou, antes, porque a natureza mesma da Alegria torna absurda a distinção comum entre ter e querer. Ali, ter é querer e querer é ter (Lewis, 1998, p.172).

Se a recordação é equivalente ao desfrute real, a experiência da beleza revelou-se não ser em si mesma um prazer a ser desejado, pois era ela o próprio desejo. “Você quer – e eu mesmo sou esse seu querer – algo diferente, exterior, não você mesmo nem nenhum estado seu” (Lewis, 1998, p. 225). A experiência estética em Lewis é um lembrete, ela desperta no homem um desejo especial (a Alegria). A pergunta a ser respondida é: o que a Alegria deseja?

Não queremos meramente ver a beleza, [...] queremos algo mais que mal pode ser expresso em palavras – sermos unidos à beleza que vemos, passar para dentro dela, recebe-la em nós para nos banharmos nela, tornando-se parte dela (LEWIS apud DURIEZ, 2006, p. 267).

Ao buscar racionalizar sua própria experiência com a Beleza e o anseio por ela, Lewis viu-se obrigado a mudar sua maneira de pensar a realidade humana, tendo que aceitar as ideias das quais sempre tentou combater. Nesse sentido, a experiência estética constitui-se uma experiência religiosa que Lewis encaixou primeiramente à crença no deísmo e depois na perspectiva da doutrina cristã: “Se descubro em

mim um desejo que nenhuma experiência deste mundo pode satisfazer, a explicação mais provável é que fui criado para um outro mundo” (2009, p. 182). Em outras palavras, ele reconhece a experiência estética como um desejo pelo céu, pelo paraíso e, em última instância, pelo próprio Deus.

Ao relatar suas sensações com a Alegria, algumas das quais apresentam-se enquanto reações à beleza natural, dentre outras evocadas pela literatura e pela arte, Lewis esperava que outras pessoas reconhecessem suas próprias experiências ao lerem o relato. A visão da experiência estética como um anseio transcendente que aponta para a realidade de Um Deus pessoal, que tem sua divindade envolvida na contingência do mundo, não aparece somente em *Surpreendido pela Alegria*, mais em outros diversos escritos que compõem sua obra.

Interposição e perspectivas para o sujeito

A partir da exposição do pensamento batailliano sobre o erotismo e da abordagem da experiência estética em *Surpreendido pela Alegria*, podemos ver como essas duas temáticas desenvolvidas como um aspecto da experiência interior apontam para a dimensão da religiosidade. A experiência interior tomada como lugar de constituição do sujeito é o lugar onde abandonamos o mundo profano – o mundo da racionalidade, do trabalho, ou, no sentido foucaultiano, do discurso – ao identificar-nos com o objeto que nos retira da vida descontínua, embora seja o objeto ele mesmo descontínuo. No erotismo, esse objeto é o corpo do desejo, e, na experiência estética, a obra de arte. Os objetos que nos servem como signos anunciadores da experiência não são eles mesmos a própria experiência, mas a experiência os atravessa.

Por outro lado, como a teoria de Bataille nos aponta, essa experiência nunca se concretiza ao ponto de realizarmos a passagem de uma existência descontínua para uma exis-

tência da continuidade, pois isso seria o fim da própria subjetividade.

Como é bom ficar no desejo de exceder, sem ir até o fim, sem dar o passo. Como é bom ficar longamente diante do objeto de desejo, nos mantermos em vida no desejo, em vez de morrer indo até o fim, cedendo ao excesso de violência do desejo. Sabemos que a posse desse objeto que nos queima é impossível (BATAILLE, 1987, p. 97).

Nesse sentido, tanto Bataille quanto Lewis vão chegar na doutrina cristã entendendo como esta soluciona a questão prometendo conciliar os dois estágios;

Diante da precária descontinuidade do ser pessoal, o espírito humano reage de duas maneiras que se unem no cristianismo. A primeira responde ao desejo de reencontrar essa descontinuidade que nos dá o irredutível sentimento de que é a essência do ser. Num segundo movimento, a humanidade tende a escapar ao limite da descontinuidade pessoal, que é a morte, imaginando então uma descontinuidade que a morte não atinge, a imortalidade dos seres descontínuos (BATAILLE, 1987, p. 78).

Para Lewis, a alegria era uma antecipação da realidade suprema, do próprio céu [...] “A alegria”, escreveu Lewis, ‘é a ocupação séria dos Céus.’ Tentando imaginar o céu, Lewis descobriu que a alegria é a ‘assinatura secreta de cada

alma'. Especulou que o desejo do céu faz parte de nossa humanidade essencial (e insatisfeita) (DURIEZ, 2006, p. 267).

Essa esperança que fundamenta a religiosidade cristã é, sem dúvida, a causa que encontramos para que sua doutrina tenha deixado de fora do mundo do sagrado o erotismo dos corpos e, do lado da experiência estética, estabelecido certa desconfiança com a materialidade artística que anima o mundo dos sentidos. Na visão batailliana, o cristianismo expulsou do mundo do sagrado a parte maldita – a orgia, a prostituição, o sacrifício, o feio, o repugnante – que se constitui pela violência e pela transgressão dos interditos. Em Lewis, uma vez que a posse do objeto do desejo não realiza a união plena do indivíduo com a continuidade do amor divino, alcançada apenas no além-mundo, se constituem em ilusões que servem apenas de realidades simbólicas para o fim último que elas representam.

Ao analisarmos a partir desse ângulo podemos concluir que uma subjetividade que se funda a partir da dimensão artística não está, em seu sentido menos imediatista, tão distante do que pretende a doutrina cristã. Uma estética da existência a partir da doutrina cristã, obviamente, não parte dos mesmos pontos de onde Foucault e Nietzsche fundamentam suas teses: o cuidado de si e o espírito dionísio dos gregos, respectivamente. Todavia, Lewis chama a atenção para os valores no paganismo pré-cristão que prefiguravam os valores cristãos. Para o escritor,

Os cristãos e os pagãos tinham muito mais em comum uns com os outros do que qualquer um deles com um pós-cristão [...] A lacuna entre os que adoram deuses diferentes não é tão grande quanto aquela entre os que adoram e os que não adoram [...] O pós-cristão está

isolado do passado cristão, e, portanto, duplamente do passado pagão (LEWIS apud DURIEZ, 2006, p. 230).

A experiência da arte, assim como a experiência erótica, é também no cristianismo um aspecto da experiência interior, pois, mais que uma característica da subjetividade, é algo que pode constituir a própria existência do sujeito. Nesse sentido, parece ser possível sim, se pensar uma estética da existência a partir da doutrina cristã.

Referências

BATAILLE, Georges. *O erotismo*. Porto Alegre: L&PM, Porto Alegre, 1987.

DIAS, Rosa Maria. Nietzsche. *Vida como obra de arte*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

DRUMMOND, Washington. *Heterologia e sujeito em George Bataille*. Salvador: UNEB/UFMG, 2016. 18 f. Artigo (Pós-Doutoramento) – Programa Nacional de Cooperação Acadêmica (PROCAD), Universidade Estadual do Estado da Bahia (UNEB)/Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Salvador, 2016.

DURIEZ, Colin. *O dom da amizade*. Tolkien e C. S. Lewis. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

LEWIS, C. S.. *Cristianismo puro e simples*. São Paulo: Martins Fontes, 2009

_____. *Surpreendido pela Alegria*. São Paulo: Mundo Cristão, 1998.

LOPONTE, Luciana Gruppelli. *Do Nietzsche trágico ao Foucault ético: sobre estética da existência e uma ética para docência*. Revista Educação & realidade, Porto Alegre, v. 28, n. 2, p. 69-82, jul/dez. 2003.

[Recebimento: 01 dez. 2017 — Aceito: 26 fev. 2018]